

## ATUALIDADE CULTURAL DE CABO VERDE NA LITERATURA AFRICANA

Luis Romano  
*Cônsul Honorário da República de  
Cabo Verde no Rio de Janeiro*

O cabo-verdeano fala e usa o idioma nativo em todas as ilhas do Arquipélago. Como meio e instrumento de relação oficial e internacional foi adaptado o emprego da língua portuguesa. Hoje, a nova República cabo-verdeana está despertando o interesse mundial, graças à sua política superiormente dirigida pelos seus responsáveis, e pelos sintomas atuais que nos levam a admitir que um autêntico renascimento cultural está se processando no seu campo artístico, nomeadamente literário. Uma vez que a moderna literatura já tomou consciência da sua polivalência mensageira, eis chegado o momento de se ampliar e desenvolver com realismo universal a temática africana, derivando-a para as antigas versões populares, instintivamente livres e artísticas.

Nossa terra tem grande variedade de assuntos, locais e humanos, que, desenvolvidos, possibilitarão aos novíssimos, principalmente, um rico cabedal de casos para divulgação e prova de que possuímos o essencial, no caso presente, para situar a Cultura cabo-verdeana na vanguarda das Letras Africanas, seja variando os temas, seja analisando outros aspectos brotados da terra e que apresentem um novo homem conterrâneo sob vários prismas, definindo-o na sua dignidade social e enriquecendo-o com imagens abarcam os problemas de uma grande família, ora unida, ora dispersa pelo mundo na luta pela vida. Tudo reside na autenticidade de melhor saber desenvolver as cenas com realidade e arte.

Dentro desta consciencialização, basta olhar retrospectivamente que já se escreveu e meditar no tesouro que se tem à frente, para estarmos convictos de testemunhar uma nova escola portadora de grandes revelações e mudanças na literatura africana de expressão portuguesa.

Em épocas da velha-guarda permitiu-se a literatura de circunstância, até que os tempos involuíram trazendo sensível retrocesso e o silêncio se fizesse à nossa volta, justamente quando eclodia espontânea e naturalmente uma nova geração de letrados que aguardávamos cheios de esperança e paciência, mas que coagida teve de se desilhar na sua maior parte. Daí porque surgiram em outras terras, em ritmo apressado, grupos de conterrâneos preocupados com o nosso ressurgimento cultural, fosse na África, na Europa, na Ásia, nas Américas, quer publicando livros quer publicando revistas, quer fundando agremiações ou órgãos de caráter nacional, destacando-se entre os que mais se enquadram numa bibliografia comprovativa dos moderníssimos escritores cabo-verdeanos: Abílio Duarte, Alírio Silva, Antônio Fidalgo, Antônio Mendes, Armando Lima, Arménio Vieira, Corsino Fortes, Dante Mariano, David Almada, Donald Macedo, Emanuel Braga, Felizberto Vieira, Francisco Tomar, Francisco Fragoso, João Rodrigues, João Vario, Jorge Alfama, Jorge Pedro, Luis Silva, Luís Tolentino, Manuel D'Novas, Maria Margarida, Mário Fonseca, Oswaldo Osório, Pedro Gregório, Rolando Veracruz, Virgílio Pires, que vêm confirmar mais uma vez: se a cultura é luz por que razão manter nas trevas a essência artística de cada um, se valores artísticos são valores autênticos em qualquer parte do mundo?

Sob o ponto de vista geográfico as Ilhas da República de Cabo Verde estão em posição de privilégio para qualquer contato com a África e também com os países banhados pelo Mar Atlântico. Se encararmos o fato pela faceta histórica concluímos que seus dirigentes e heróis resultaram das motivações fundamentais para uma tomada de consciência de que surgiu um novo país no contexto africano. Disso tudo proveio o grito do filho nativo e a congregação afro-fraternal que se debruçaram patrioticamente nos problemas da futura nação para transformar a antiga dependência numa vantagem, sobretudo literária, que atuou em paralelo com os mesmos sentimentos de libertação radicados na atual República Irmã Guiné-Bissau. Assim nasceu impulso de um gênio e hoje imortal africano, Amílcar Cabral, que morreu pela paz na África e colaboração fraternal entre todos os povos do mundo!

Seguramente a Cultura tem papel relevante na constituição da identidade própria do africano. Foi por isso que Amílcar Cabral agiu, dentro de suas

limitações, e principalmente, para o decréscimo do analfabetismo, desenvolvendo programas protetores à literatura e artes regionais, incentivando, no legado que nos deixou, o desabrochar das culturas e tradições que foram marginalizadas e representam um dos mais ricos acervos do nosso patrimônio popular.

Pela História sabemos que todo conquistador tem especial preocupação em ignorar ou destruir a cultura do povo submetido. Em grande parte dalguns países africanos ele conseguiu seus métodos: pelo emprego de línguas e instrução alheias às tradições da terra; pela intolerância de preconceitos; pela ausência, em grande parte, do sentimento fraternal.

Daí resultou o surgimento da consciência africana, numa autodefesa nacional. É nesta ordem de idéias que podemos citar alguns fatores que contribuíram para a realidade do papel da Cultura na África, já bastante conhecida e traduzida em várias línguas. Em posição cimeira destaca-se ainda Amílcar Cabral, escritor-soldado, que publicou seu famoso "Textos". As Palavras de Ordem", o "Poder das Armas", "Sobre o Papel da Cultura na Luta pela Independência", entre uma vasta bibliografia, e por ordem cronológica temos ainda "Noti" do poeta Kaoberdiano Damabará, "Famintos" de Luis Romano, "Poemas" de Ovídio Martins, "Kondá Kaoberdi" de Kuame Kondé, e inúmeros "dispersos" que, escritos na hora certa e divulgados com sacrifícios, desencadearam uma atividade cultural cabo-verdeana, apaixonante e intensa, numa espécie de eclosão mental popular e nacionalista, que serviu de módulo para a consciencialização da realidade que chegava: a Nossa Pátria!

Hoje se desenvolve em grande parte da África, a análise crítica da cultura em função das exigências modernas, tendo como fator principal a união e consciência nacional de cada país, já que a cultura de qualquer povo é um selo constante que reflete suas tradições e raízes antropológicas. Está em programa o prosseguimento para se obter plena ação cultural e se acompanhar, paralelamente, o desenvolvimento da Instrução Universal em que se empenhou a Humanidade para o bem de nossos semelhantes, indiscriminadamente. A prática de dispersão de bolsas de estudo, concedidas por vários países do Mundo, é a melhor maneira de integrar qualquer juventude no seio dos problemas tendo como veículo a Comunicação Internacional.

E para mais reforço, a situação dos nossos escritores exilados foi fértil para a produção literária. Dela surgiram nomes e obras que marcaram uma Nova Era na Literatura Africana d'Expressão Portuguesa. Para qualquer intelectual é uma oportunidade de desabafo. Particularmente foi câmara

de reflexão e estímulo, já que era a única maneira de estarmos presentes. Cada um conservou em pleno, na mente, os quadros vivos da sua Terra-Natal mesmo quando o Tempo destruiu os fundamentos físicos da sua família e da sua infância. Daí resulta a fertilidade criativa que não é mais do que o instinto de conservação contra o desaparecimento étnico e sentimental do seu povo.

Embora a Literatura Africana Contemporânea seja muito vasta, na atual situação e ao abrigo de que foi exposto, mesmo com deficiências informativas, é possível apresentar um quadro que venha a se apoiar no binômio Escritor/Patriota, isso se fizermos rápida análise do que está patente através das obras já publicadas, para termos comprovação de seu papel essencial.

Advertimos, porém, que sem a literatura do livro *La lute des classes en Afrique*, de K.Nkumah, fica quase desconhecido o quanto foi pensado e escrito sobre essa modalidade e teremos uma idéia deformada da constituição dos núcleos culturais africanos que se colocaram na vanguarda da formação patriótica do autênticos. Gloriosa é constatar que os escritores africanos estão presentes na imprensa mundial e seria injusto, mesmo ao sabor fugaz da memória, não mencionar, entre vários, nossos homens de letras, em distinguir os expoentes mais conhecidos. A maior incidência cabe à África do Sul, com os nomes de envergadura de Antony Delius, Breyten Breytenback, Dennis Brutus, Guy Butter, Huca Lewinm, Ingrid Jonker, Mazisi Kuneme, Monganeli, Philander, Peterson, Van der Marwe, Uis Krge, salientando ainda Alan Paton, Alex La Guma, Exkiel Mphalele, Lewis Kosi, Peter Abrahams, Sarah Milun, entre uma plêiade consciente de seu papel e mensagem. Por ordem alfabética temos a seguir a Argélia, em que se destaca o nome de Heri Kréa; o Congo através do poeta Tchicya U'Tam Si; Costa do Marfim com Elton James; Dahomy com Eustache Prudencio e Paulin Joachim; Egito se coroando com Salem Gawdat; Gâmbia com Lenrie Peters; Gana com John Okai; Guiné-Konuki com Sékou Touré; Kênia com Jonathan Kariara; Grace Ocot, James Ngugi; Madagáscar com Jacques Rebemanatera; Nigéria com Amós Tutuola, Chinua Achebe, Cyprian Erwensky, Gabriel Okara, Onuora Nzekwa; Senegal com a figura máxima de Leopold Senghor e da importância de Ousmane Sembene e Mamadou Traore Di Op; Ruanda com Jean-Baptiste Mutabaruka; Serra Leoa com Sarif Easmon; Sudão com Mohamed El-Mehdi El-Magzoub; Tanzânia com Y. B. Mbonde e tantos outros que espalhados por toda a África prosseguem na dignificação do caminho nacional através das letras.

Há que ressaltar, entretanto, um esclarecimento literário africano de expressão portuguesa, hoje incontestável: Com o caminho traçado por Pedro Cardoso, visionado por Jaime de Figueiredo e Apoiado por João Lopes, aconteceu em 1936 o Movimento Basilar da Literatura cabo-verdeana com o lançamento da Revista "Claridade", em que nomes de escritores realistas viriam confirmar mais tarde, consagrando-se: Antonio Aurelio Gonçalves - novelista, Jorge Barbosa - poeta, Baltasar Lopes - romancista e poeta, Manuel Lopes - romancista e poeta, Arnaldo França - poeta e romancista, Teobaldo Virgílio - poeta e contista, Agnaldo Brito Fonseca - poeta, Gabriel Mariano - ensaísta e poeta, Sergio Frusoni - poeta, Henrique Teixeira de Sousa - contista, Pedro Corsino Azevedo - poeta, Felix Monteiro - folclorista, Mario Macedo Barbosa - poeta, para chegar a constituir, um monumento cultural de base em que a atual Juventude cabo-verdeana está presente e atuante, através dos órgãos literários publicados até hoje, por ordem cronológica: "Certeza", "Selô", "Nós Vida", "Morabessa", "Ariope", "Presença cabo-verdeana" e recentemente "Raízes", possivelmente continuador da Revista "Claridade".

Em São Tomé enfileiram-se conosco Aldo do Espírito Santo, Francisco Viana D'Almeida, José Tenreiro e Manuela Margarido.

Foi a partir de 1945 que em Angola se revelou um punhado de heróis obcecados pela dignificação do nativo. Surgiu a Revista "Mensagem" e depois "Cultura" com a presença de Agostinho Neto, Antonio Cardoso, Antonio Jacinto, Castro Soromenho, Luandino Vieira, Mario de Andrade.

Já em Moçambique figuram João Dias, José Craveirinha, Luis Bonalo Hwvana, Noemia de Sousa, Kalugano, Rodrigues Junior, Samora Machel, em igual decisão humanitária.

Por toda a África a alma-literária-nativa encontrou sacrifícios, mas conseguiu após dolorosas provas fazer chegar a sua voz à consciência mundial, através do sangue das nossa penas.

Resta por fim saber qual o papel que a autêntica literatura africana contemporânea poderá exercer na elaboração dos idiomas nacionais. Se nos recorremos à História também ficamos sabendo que qualquer grupo de família humana que, coagido, pratica a expressão dominante, perde insensivelmente o seu próprio caráter e por isso qualquer língua nacional-nativa não devia ser excluída, em face da oficializada de raízes estrangeiras.

Consultando o mapa lingüístico africano verifica-se que raramente se depara com a presença oficial de idiomas nativos, se excetuarmos o Árabe, o Swahili, o Wlilf, testemunho de cultura literária. Ao que transparece, as lín-

guas impostas resultam no desaparecimento progressivo das falares próprios, utilizados por milhões de autóctones embora exista a capacidade das línguas africanas em apreciável porcentagem, de se adaptarem eficientemente às necessidades dos agrupamentos a que pertencem. É contra-senso ignorar que a linguagem veicular nativa constitui uma base eficaz que poderá servir à alfabetização rápida, como também dar raízes para o renascimento de uma literatura popular. Experiências repetidas demonstram que é parcial e provisória a propagada insuficiência das línguas dos agrupamentos humanos que ainda ressentem-se de um atraso técnico-científico moderno. Em verdade, que todos os africanos não estejam definitivamente submetidos aos idiomas europeus é uma realidade de fato, que lentamente retomará sua posição nacional. Basta constatar a carência das línguas do colonialismo na elaboração de um pensamento genuíno africano, para se ter uma idéia do abismo que se abre à nossa consciência. Àqueles que estiverem interessados nessas pesquisas, indicamos a leitura, entre outros, do livro "Chaka" de Thomas Mafolo, escrito em Zulú e que ficou sendo um *best-seller* africano.

Daf a Lingüística ensinar que as línguas de imposição criam uma defasagem, no caso em apreço, entre a realidade africana e os meios expressivos dalguns escritores nativos de formação estrangeira, que se revelaram insuficientes na ajuda para o embasamento de uma literatura moderna, autêntica, com as raízes mergulhadas na terra-natal. Não se trata de uma novidade, mas sim de uma constatação científica, já a língua não é a Cultura e senão o apoio do pensamento que se reflete uma cultura.

Eis porque se depreende que, na hora presente, as línguas africanas utilizadas como fonte de ensino, com o tempo poderão se enriquecer progressivamente mediante um plano léxico de grande facilidade, a partir de aquisições semânticas e de processos lexicológicos próprios, naturalizando os vocábulos estrangeiros necessários, transformando-se por adaptação, para engrandecimento da cultura nacional. Isso sem o desaparecimento ou detrimento das línguas européias ou de outras origens, utilizadas como meio de comunicação oficial e internacional, conforme se verifica nos diversos países da Europa e do resto do Mundo.